

## XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

### GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

#### **MUSEALIA, MUSEALIDADE E MUSEALIZAÇÃO: A POSSÍVEL APLICAÇÃO DA LINGUAGEM DE ESPECIALIDADE DA MUSEOLOGIA NAS COLEÇÕES ESPECIAIS EM BIBLIOTECAS**

#### *MUSEALIA, MUSEALITY AND MUSEALISATION: THE POSSIBLE APPLICATION OF MUSEOLOGY'S SPECIALTY LANGUAGE TO SPECIAL COLLECTIONS IN LIBRARIES*

**Jullyana Monteiro Guimarães Araujo** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

**Helena Cunha de Uzeda** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

#### **Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** O presente artigo parte da seguinte questão: seria possível relacionar conceitos do campo museológico a outro campo, particularmente, à Biblioteconomia? Dessa forma, o artigo almeja relacionar “musealia”, musealidade” e “musealização”, três conceitos da linguagem de especialidade da Museologia, a um conceito da área da Biblioteconomia, o de “coleção especial”. O procedimento metodológico utilizado é a revisão de literatura, a partir da qual foi possível relacionar os conceitos estudados, no entanto não pretende realizar um detalhamento exaustivo ou uma reconstrução histórica. A partir desta, afirma que uma coleção especial pertencente a uma biblioteca passa por todas as atividades relacionadas à musealização enquanto processo científico, da seleção e aquisição à documentação e comunicação, e possui representatividade, testemunhalidade e documentalidade, características da musealização enquanto processo informativo. Como resultado parcial, constata que, apesar dos conceitos colocados serem específicos da Museologia, existe a possibilidade de aplicação de seus significados à área da Biblioteconomia, sobretudo nas coleções especiais em bibliotecas.

**Palavras-chave:** museologia; linguagem de especialidade; coleção especial em biblioteca.

**Abstract:** This paper is based on the following question: would it possible to relate concepts from the museological field to another field, particularly, to Library Science? Thus, it aims to explore potential connections between “musealia,” “museality,” and “musealisation”, three concepts from Museology’s specialty language, and a specific concept from the field of Library Science, “special collections”. The methodological procedure used is a literature review, through which it was possible to establish initial connections between the chosen concepts, however, this study does not aim to provide an exhaustive analysis or a historical reconstruction of these concepts. It states that a special collection belonging to a library goes through all the activities related to musealisation as a scientific process, from selection and acquisition through to documentation and communication, and has representativeness, testimoniality and documentality, characteristics of musealisation as an informative process. As a partial result, it is observed that, although the chosen concepts are specific to Museology, their meanings can be applied to the field of Library Science, particularly in relation to special collections in libraries.

**Keywords:** museology; specialty language; special collection in a library.

## **1 INTRODUÇÃO**

A linguagem de especialidade diz respeito aos termos e expressões criados, modificados e utilizados dentro de uma área ou campo específico do conhecimento. Esses termos e expressões estão relacionados ao conhecimento teórico e prático partilhado pela área ou campo e seus profissionais e instituições, sendo essenciais para a consolidação de um determinado assunto e para a facilitação da comunicação técnica e teórica em diversos níveis e entre interlocutores distintos.

A Museologia, enquanto campo do conhecimento, vem amadurecendo as suas teorias e práticas ao longo das últimas décadas, o que inclui o desenvolvimento e a consolidação de seus conceitos e termos específicos, relacionados diretamente com esse fazer técnico e teórico. Esses termos fazem parte da linguagem de especialidade do campo e, dentre eles, três serão abordados neste trabalho: o de musealização, o de musealidade e o de musealia/objeto de museu. São três dos principais termos do campo, que comunicam atividades e reflexões essenciais ao pensar e fazer da Museologia.

De maneira semelhante, a Biblioteconomia também possui conceitos e termos específicos que foram criados ao longo do tempo para facilitar e consolidar a comunicação entre seus pares acadêmicos e/ou profissionais, assim como entre a instituição biblioteca e aqueles que a visitam e utilizam. Dentre esses, nosso foco está em um: a coleção especial. De maneira geral, as coleções especiais em biblioteca podem ser compreendidas como coleções de itens que, por diversas razões, são conceituadas como distintas em relação ao acervo geral, armazenados quase sempre em salas específicas, sendo consideradas de modo particular quanto à sua segurança, preservação e acesso.

Reconhecemos que cada área do conhecimento e, dentro dessas, cada campo, tem a sua própria linguagem de especialidade – termos e expressões específicos utilizados dentro de um determinado contexto e que podem ou não ser apropriados e utilizados por outras áreas em uma perspectiva transdisciplinar, como parece ser o caso do conceito e termo “documentação”, utilizado pela Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia de maneira mais ou menos semelhante. Reconhecemos, também, que alguns termos e expressões são, ao menos inicialmente, específicos demais para serem apropriados por outros campos.

No entanto, apesar de considerarmos a especificidade de cada linguagem de especialidade, esse trabalho é guiado pela seguinte questão: seria possível relacionar termos

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

e conceitos do campo museológico a outro campo, particularmente, à Biblioteconomia? Por exemplo, será possível que “coleções especiais”, um conceito especificamente biblioteconômico, possa abrigar os conceitos de musealidade, musealização e objeto de museu, que são específicos da Museologia? Portanto, o tema deste trabalho está ligado principalmente à linguagem de especialidade, mais especificamente, à linguagem de especialidade na museologia a partir dos três termos citados e sua possível relação com um termo específico da Biblioteconomia.

A partir da questão-guia colocada acima, almejamos relacionar os seguintes conceitos: musealia/objeto de museu, musealidade e musealização, específicos do campo museológico, ao de coleções especiais em bibliotecas, específico da Biblioteconomia. Para isso, partimos sobretudo de uma pesquisa exploratória que nos leva, primeiramente, a delinear uma compreensão dos conceitos colocados e, então, refletir sobre uma possível relação e aplicação dos conceitos museológicos ao campo biblioteconômico.

Assim, o principal procedimento metodológico utilizado neste trabalho foi a revisão de literatura produzida sobre os conceitos de musealia, musealização e coleções especiais. Considerando que não é nosso objetivo fazer um detalhamento exaustivo e tampouco trazer uma construção histórica de um ou outro conceito, mas sim delinear o entendimento atual dentro de um e de outro campo, nossas reflexões estão apoiadas em autores específicos, que foram selecionados da seguinte maneira: primeiro, e principalmente, a partir da observação das ementas de disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) em conjunto com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), onde esse trabalho se insere; em segundo lugar, a base de dados do Google Acadêmico; e, por fim, no que tange à Biblioteconomia, optamos por continuar com os autores já utilizados anteriormente, em trabalhos acadêmicos e artigos publicados, sobretudo os utilizados em Araujo (2020, 2022). O foco esteve em selecionar trabalhos entendidos como os mais pertinentes que versavam sobre um ou mais dos seguintes termos: musealização, musealidade, objeto de museu e linguagem de especialidade, com o objetivo de aprofundar a compreensão.

A partir dessa base teórica foram sistematizadas as observações apresentadas a seguir, onde refletimos se as coleções especiais em bibliotecas podem ser relacionadas ao conceito de musealidade e musealização e se podem ser observadas como um tipo de objeto de museu, apesar de não estarem (na maioria das vezes) em um museu.

## 2 MUSEALIDADE, MUSEALIZAÇÃO, MUSEÁLIA: a linguagem de especialidade museológica

A linguagem – seja falada, escrita ou de signos – é um meio de comunicação criado para utilização na esfera pessoal, profissional ou social. Ela depende de um emissor e de um receptor cujo contexto (minimamente) em comum garante que não seja distorcida, sendo simultaneamente dinâmica e estática – ou seja, ao mesmo tempo em que permanece a mesma, é constantemente modificada pelas mudanças culturais, sociais, políticas, históricas e econômicas que acontecem ao longo do tempo (Galvão, 2004).

Nesse sentido, a linguagem é “[...] um sistema de significação utilizado pelos membros de uma comunidade linguística para comunicação, para compreensão e compartilhamento de uma realidade e para a auto-compreensão” (Galvão, 2004, p. 243). Portanto, a linguagem é criada, desenvolvida e continuamente modificada pelos seres humanos de acordo com seus diversos grupos sociais, indo de uma linguagem mais geral, como aquela falada em uma cidade ou em um país, por exemplo, para a mais particular, como a utilizada por um grupo dentro de uma área ou campo específico, que chamamos de linguagem de especialidade.

A linguagem de especialidade, por sua vez, está relacionada a uma área ou a um campo específico do saber, encarregando-se de representar os conceitos pertinentes desse contexto em termos que são compreendidos entre os seus pares profissionais e/ou acadêmicos. Sobre isso, Scheiner (2014, p. 4650) afirma que

A formação e constituição de um campo disciplinar é permeada [...] por movimentos de geração e desenvolvimento de uma (ou várias) linguagem(ns) de especialidade, que sintetize(m) e represente(m), no âmbito discursivo, os movimentos simbólicos no interior do campo, bem como as suas relações com os demais saberes e disciplinas.

Nesse sentido, a linguagem de especialidade, também chamada de linguagem profissional, é um dos indicadores do processo de consolidação de um campo do conhecimento e deve ser consistente, precisa e compreendida pelos agentes institucionais e pessoais (Lima, 2009). Assim, compreendemos a linguagem de especialidade como uma “[...] forma de linguagem que, baseada em conjunto de vocábulos organizados e diferenciando-se da linguagem cotidiana, natural, assume representar conceitos que exprimem os modelos do pensamento e da ação relacionados a domínios do saber” (Lima, 2009, p. [3]).

De modo geral, a linguagem de especialidade relacionada a um campo do conhecimento não costuma transbordar para outro(s) de maneira exatamente igual, até mesmo se considerarmos campos afins ou uma abordagem transdisciplinar. No entanto, a

partir do objetivo proposto, procuramos transbordar significados de conceitos do campo museológico para o biblioteconômico, por acreditar que pode ser esclarecedor e proveitoso para ambos.

## 2.1. Musealidade

Ao se debruçar sobre a obra de Zbynek Stránský, o museólogo Bruno Brulon (2017) afirma que o conceito de “musealidade” é o segundo conceito-chave da teoria do museólogo tcheco e corresponde a um valor documental específico que é característico dos objetos que “representam certos valores sociais” (Stránský, 1974, p. 28 *apud* Brulon, 2017, p. 412). Os *musealia* seriam os objetos portadores dessa musealidade que, por sua vez, seria “o verdadeiro objeto de interesse da Museologia” (Brulon, 2017, p. 412).

Observando as críticas ao termo cunhado por Stránský, que são colocadas no artigo de Brulon (2017), a musealidade é compreendida neste trabalho não como um valor inato do objeto, mas como algo atribuído a ele considerando diversas camadas de contextos sociais, culturais e políticos. Para Desvallées e Mairesse (2013, p. 58) a musealidade seria “um valor específico que emana das coisas musealizadas” – em outras palavras, a musealidade é um valor atribuído a um objeto que permite que esse seja considerado *musealia* e, portanto, possa ser alvo de uma musealização e, uma vez musealizado, o objeto passa a ter um valor como representante do contexto específico de onde veio, ou seja, um valor documental. Compreendemos a musealidade como aquilo que diferencia os objetos-coisa dos objetos de museu, algo não inato, mas atribuído<sup>1</sup> e que, em vista disso, poderá ser modificado posteriormente.

Com isso, o valor documental seria o principal valor atrelado ao entendimento de musealidade e revela a (provável) capacidade de os objetos portadores de musealidade representarem o contexto de onde vieram e de onde serão retirados caso sejam musealizados, isto é, institucionalizados<sup>2</sup>. Esses objetos possuem, portanto, um potencial museal, ou seja, o potencial de estar em um museu.

---

<sup>1</sup> Esse processo de atribuição de valores deve ser realizado ou ao menos validado pelos indivíduos pertencentes à realidade ou ao contexto do qual o objeto será representante. Nesse sentido, é importante que esses indivíduos (em grupos, comunidades, nações etc.) sejam reconhecidos, isto é, que se reconheça a importância de sua opinião para a verificação do potencial museal de um dado objeto.

<sup>2</sup> Se um objeto não é ativamente retirado de um local para o outro, ele pode ser musealizado onde se encontra, ou seja, é feita uma musealização in situ, um tipo de musealização que valoriza a preservação do contexto original

## 2.2 Musealia (ou objeto de museu)

Os objetos portadores de musealidade são os que podemos chamar de *musealia* ou objetos de museu – ainda que não necessariamente objetos em/no museu (Brulon, 2017). Como colocado, a musealidade é um valor documental específico que o objeto tem ou que é atribuído a ele, sendo esse valor o que o faz ter o potencial museal, ou seja, a qualificação necessária para estar em um museu, de ser visto e considerado como *musealia*.

Interessante mencionar que o termo *musealia* é um neologismo pouco usado (Desvallées; Mairesse, 2013) e que, geralmente, utiliza-se o termo “objeto” onde subentende-se o “de museu” que o qualifica, sendo assim “objeto de museu”. Os autores ainda colocam que essa expressão, “objeto de museu”, é quase um pleonasma, no sentido de que “[...] o museu não é apenas um local destinado a abrigar objetos, mas também um local cuja função principal é a de transformar coisas em objetos” (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 68). Ou seja, se estamos falando de um contexto museológico, o termo “objeto” sempre irá subentender o “de museu”, no entanto, para os fins pretendidos neste trabalho, sempre utilizaremos o termo completo “objeto de museu” ou, ainda, o termo “*musealia*”, que compreendemos como sinônimos.

Ainda utilizando Desvallées e Mairesse (2013, p. 68), temos que os *musealia* são definidos como “[...] uma coisa musealizada, sendo ‘coisa’ definida como qualquer tipo de realidade em geral”. Existe uma diferenciação entre coisa e objeto que é importante para que esse objeto seja considerado “de museu”, nesse sentido, se a coisa é vista como “uma parte concreta da vida” e pressupõe uma “utilidade”, o objeto deve estar a certa distância do sujeito, sendo “[...] aquilo de que se está diante e do qual é possível diferenciar” (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 68-69). A coleta desse objeto não é suficiente para que seja considerado “objeto de museu” e nessa perspectiva os autores colocam que os objetos devem ser expostos, isto é, mostrados, para serem considerados como objetos de museu:

O objeto do museu é feito para ser mostrado, com toda a variedade de conotações que lhe estão intrinsecamente associadas, uma vez que podemos mostrar para emocionar, distrair ou instruir. Essa operação de “mostração”, para utilizar um termo mais genérico que o de “exposição”, é tão importante que cria a distância, faz da coisa o objeto [...] (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 69).

Portanto, compreendemos o objeto de museu como aquele objeto que é representante do contexto ao qual pertence, que é o contexto de onde foi retirado para ser musealizado. A sua consideração como objeto de museu começa com a atribuição de um valor documental que reconhece esse objeto como portador de musealidade, ou seja, vendo nele potencial museal, que o torna apto a representar sua realidade específica. Após essa atribuição de valor, o objeto passa por diversas etapas (documentação, catalogação, conservação, pesquisa etc.) antes que seja exposto, o que consolida sua condição de objeto de museu.

### 2.3 Musealização

A musealização é geralmente conceituada como o processo de “tornar-se museu” (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 56), no sentido literal de transformar um local em um museu. Partindo de uma análise do pensamento de Zbynek Stránský, Brulon (2017) coloca a musealização como um processo de atribuição de valores que permite que os objetos adquiram a (ou uma) qualidade museal, expressando “a tendência humana universal de preservar [...] os elementos da realidade objetiva que representam os valores culturais que o homem, enquanto ser cultural, tem a necessidade de conservar de acordo com seu próprio interesse” (Stránský, 1995, p. 28-29 *apud* Brulon, 2017, p. 413).

Podemos inferir, então, que a musealização é um processo cultural que ocorre a partir da atribuição de valor(es) a coisas<sup>3</sup> da realidade humana. Nesse sentido, está vinculada à objetos considerados culturais em razão de um valor atribuído e, ao considerarmos que está relacionada à tendência humana de preservar, podemos colocar que também está relacionada à tendência humana de colecionar.

De maneira geral, compreendemos o conceito de musealização sob o ponto de vista “estritamente museológico”, como colocado por Desvallées e Mairesse (2013):

A musealização é a operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal – isto é, transformando-a em *musealium* ou *musealia*, em um “objeto de museu” que se integre no campo museal (Desvallées;e Mairesse, 2013, p. 57, grifo dos autores).

Ao ser transformado em *musealia*, os objetos são separados (ou suspensos) de seu contexto original e “[...] assumem o papel de evidência material ou imaterial [...]”, passando

---

<sup>3</sup> Compreendemos “coisa” no sentido explorado por Pomian (1984; 1998) e incluímos também o imaterial.

a ser “[...] representativos da realidade que eles constituíam”. Nesse sentido, “um objeto separado do contexto do qual foi retirado não é nada além de um substituto dessa realidade que ele deve testemunhar” (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 57) – poderíamos, então, considerar a *musealia* como um semióforo, de acordo com as questões de coisa e semióforo colocada por Pomian (1984, 1998).

Dessa forma, a musealização é compreendida, em linhas gerais, como um conceito que expressa a atribuição de valores que transforma coisas (Pomian, 1984; 1998) em *musealia* ao tirá-las de seu contexto original e colocá-las em um museu. Esse objeto musealizado “não é mais destinado a ser utilizado ou trocado, mas transmite um testemunho autêntico sobre a realidade” (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 57).

Sobretudo, para este trabalho interessa compreender a musealização principalmente como processo científico (Desvallées; Mairesse, 2013) e como processo informacional (Loureiro, 2016). Enquanto processo científico, a musealização agrupa o seguinte conjunto de atividades:

[...] trabalho de preservação (seleção, aquisição, gestão, conservação), de pesquisa (e, portanto, de catalogação) e de comunicação (por meio da exposição, das publicações, etc.) ou, segundo outro ponto de vista, das atividades ligadas à seleção, à indexação e à apresentação daquilo que se tornou *musealia* (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 57).

Enquanto processo informacional, a musealização diz respeito a uma observação dos objetos como informações em si mesmos, principalmente por sua materialidade, afirmação que Loureiro (2016) faz a partir de Bellaigue-Scalbert (1984, p. 1984, tradução nossa): “[...] o objeto não é um fim em si mesmo, ele é o meio primário de conhecimento. Em suas três dimensões, por sua própria materialidade, o objeto não apenas serve como informação, mas ele é informação”<sup>4</sup>. Essa é uma perspectiva que se torna relevante neste trabalho ao considerarmos os livros (que compõem a maior parte das coleções especiais nesse contexto) como objetos (Azevedo; Loureiro, 2019), onde a informação não é retirada apenas de seu conteúdo escrito, mas também de suas características materiais e de seu contexto.

Nesse sentido, Loureiro (2016), baseando-se em Guarnieri (1984)<sup>5</sup>, elenca três características de um objeto musealizado: a representatividade, a testemunhalidade e a

---

<sup>4</sup> “[...] l'objet n'est pas une fin en soi, il est le moyen premier de la connaissance. Dans ses trois dimensions, par sa matérialité même, non seulement il sert à l'information, mais il est l'information”.

<sup>5</sup> Reflexões semelhantes sobre os mesmos conceitos também podem ser encontradas no texto “Conceitos e Limites da preservação: uma visão museológica”, apresentado no Simpósio sobre Memória e Patrimônio Cultural

documentalidade. A representatividade diz respeito à capacidade do objeto de trazer para o presente aquilo do qual este é representante, seja “[...] alguém, um fato, um período, [ou] um processo”; a testemunhalidade refere-se efetivamente ao objeto como documento, no sentido de que o objeto “deve dar testemunho, fornecer informações”; por fim, a documentalidade está relacionada ao ensinar (do latim *docere*), referindo-se à transmissão da informação ou da mensagem (Loureiro, 2016, p. 95).

Dentro desse mesmo processo, a autora compreende a musealização como “um processo ou um conjunto de processos integrado por uma série de práticas (coleta, identificação, pesquisa, documentação, conservação etc.) voltadas a uma estratégia de preservação [...]” (Loureiro, 2016, p. 92), o que a aproxima da conceituação da musealização enquanto processo científico colocada acima. A musealização “[...] é inseparável da ação humana de agregação de valor” e está associada à noção de patrimônio, sendo compreendida como uma das formas de preservação (Loureiro, 2016, p. 92).

Portanto, chegamos ao fim desse detalhamento compreendendo a musealização como um processo científico que é parte de uma estratégia de preservação dos objetos considerados como documentos culturais. Nesse sentido, a musealização envolve uma série de atividades: seleção, pesquisa, preservação e comunicação que, ao retirar um objeto de seu contexto original, permite que eles possam ser representantes desse contexto.

### **3 COLEÇÕES ESPECIAIS EM BIBLIOTECAS: BREVES CONCEITUAÇÕES**

Ao considerarmos o conceito de “coleções especiais” é interessante analisarmos as palavras separadamente, a fim de obtermos uma compreensão mais completa da expressão. Nesse sentido, o termo “coleção” é compreendido como foi colocado por Pomian (1984): qualquer conjunto de objetos naturais e/ou artificiais, materiais e/ou imateriais, que não são alvo de atividades econômicas e, ao serem retirados de seu contexto original, são colocados em um local secundário preparado especificamente para a sua proteção, sendo por fim expostos ao olhar do público. Desvallées e Mairesse (2013, p. 32) colocam um entendimento

---

na cidade de Mogi das Cruzes (SP) em 1986 e republicado em 2020 no terceiro número da série “Teoria museológica latino-americana: textos fundamentais”, sobre Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, editorado por Luciana Menezes de Carvalho e Sandra Escudero e realizada em parceria entre o ICOM, o ICOFOM e o ICOFOM LAM. Disponível em: <https://icofom.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/18/2022/04/WALDISA-RUSSIO-sarec.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2025.

semelhante, completando que esses objetos são reunidos, classificados, selecionados e conservados por vontade (e responsabilidade) de um indivíduo ou estabelecimento.

O termo “especial”, por sua vez, pode ser compreendido a partir de duas noções principais: a de importância ou relevância e a de diferença (Araujo, 2020). Nesse sentido, um objeto especial é aquele considerado diferente dos demais por uma ou mais características (extrínsecas ou intrínsecas<sup>6</sup>) que nos permitem fazer essa distinção e, por essa razão, é tido como importante em determinado contexto pela relevância dessas características. Por ser especial, esse objeto é quase sempre colocado em local separado dos demais e tratado de forma diferenciada quanto a sua preservação e segurança.

A Universidade de Glasgow, na Escócia, traz uma definição de “coleções especiais” pertinente: “coleções de livros e arquivos considerados importantes (ou ‘especiais’) o bastante para serem preservados para as gerações futuras. [...] Geralmente, elas têm significativo valor de pesquisa e/ou cultural”<sup>7</sup> (University of Glasgow, [20-?], tradução nossa), e, portanto, são “[...] diferenciadas do acervo em geral, [...] guardadas em locais separados e recebem atenção especial quanto à sua preservação e segurança” (Araujo, 2020, p. 88). Dessa maneira, uma coleção especial é uma coleção de objetos considerados distintos em razão de alguma característica extrínseca ou intrínseca que possui, incluindo o seu contexto anterior ou original<sup>8</sup>, sendo armazenados em locais (secundários) específicos para a sua guarda, proteção e consulta.

No Brasil, as coleções especiais podem ser formadas a partir de duas premissas: na primeira, itens que antes pertenciam ao acervo geral da biblioteca são destacados em razão

---

<sup>6</sup> Considera-se as características intrínsecas como aquelas que são próprias de um determinado objeto, isto é, fazem parte de sua estrutura, independente da sua apresentação física – em outras palavras, são parte “de fábrica” do objeto. Nesse sentido, ao considerarmos livros em bibliotecas, por exemplo, o seu conteúdo no geral, a divisão interna em capítulos, disposição textual, ilustrações, tipo de papel e tinta utilizado, dentre outros, são características intrínsecas. Por outro lado, as características extrínsecas são aquelas adicionadas após a produção do objeto e que geralmente se relacionam com a sua existência em um dado contexto local e/ou temporal. No mesmo exemplo dos livros em bibliotecas, a encadernação, defeitos de impressão, marcas de posse (como carimbos) e as marcas de leitura (como anotações) são exemplos de características extrínsecas.

<sup>7</sup> “[...] *collections of books and archives considered important (or “special”) enough to be preserved for future generations. They are often very old, rare or unique, or fragile. Usually they have significant research and/or cultural value*”.

<sup>8</sup> Consideramos que o contexto anterior ou original se refere ao contexto em que a coleção e/ou o objeto estava antes de ser transformada em ou transferida para uma coleção especial, isto é, podendo ser o primeiro contexto em que foi formada, portanto, original; ou o contexto em que estava antes de ser transferida para outro, sendo, portanto, um contexto anterior, mas não necessariamente o original. Por exemplo, uma coleção especial realizada a partir de uma coleção particular tem como contexto anterior a casa do indivíduo que a formou, que é, dessa maneira seu contexto original.

da atribuição de um ou mais valores específicos (valor cultural, histórico etc.), que por sua vez são atribuídos considerando características intrínsecas ou extrínsecas dos livros ou até mesmo por sua temática, podendo ou não ter um recorte de tempo. Nessa primeira premissa, a biblioteca monta sua coleção especial a partir do seu próprio acervo e tem a opção de adquirir mais itens para essa coleção após a sua formação inicial, seja por meio de doações ou de compras.

A segunda premissa é um pouco mais passiva: diz respeito ao aceite (ou não), por parte da biblioteca, de uma coleção particular pertencente a um indivíduo ou instituição relevante para o contexto e/ou campo e/ou área do conhecimento que a biblioteca atende – essa coleção, que pode chegar à biblioteca também via doação ou compra, quase sempre se torna uma coleção especial e quase sempre não será acrescida de outros itens ao longo do tempo. Nessa segunda premissa, a biblioteca deve estar ciente dos indivíduos e/ou coleções que podem ser relevantes e pertinentes não só em relação ao seu acervo como um todo, mas aos desejos e necessidades de seus consulentes, e ainda das suas possibilidades de hospedar essa coleção específica.

Em ambos os casos, as coleções especiais em bibliotecas são formadas a partir da retirada de itens de um contexto original/anterior para outro, onde o conjunto de seus objetos passa a representar o contexto do qual eles foram retirados, que é o contexto que a coleção, como um todo, busca representar. Essa retirada de um contexto para o outro acontece em razão da atribuição de valores que estão relacionados com suas características extrínsecas e/ou intrínsecas (valor cultural, histórico, de memória, de autoria etc.) que estabelecem ou reforçam seu valor como patrimônio. Para além disso, estão constantemente passando por processos de conservação, pesquisa e comunicação – este último, principalmente, por meio de publicações e, ocasionalmente, exposições.

Nesse sentido, o entendimento de “coleção especial” apresentado é próprio do contexto biblioteconômico, não sendo encontrado da mesma maneira em nenhum outro campo do conhecimento. Trata-se de coleções que possuem diversos valores atribuídos e que são consideradas de maneira distinta em um local onde todos os itens costumam ser considerados no mesmo nível. Falamos, portanto, de um termo que faz parte da linguagem de especialidade, ou linguagem profissional, da Biblioteconomia enquanto campo teórico e prático.

#### 4 COLEÇÕES ESPECIAIS EM BIBLIOTECAS: POSSÍVEIS OBJETOS DE MUSEU?

Retomamos à questão-problema inicial: seria possível relacionar termos e conceitos da linguagem de especialidade da Museologia a outro campo, particularmente, à Biblioteconomia? Nesse sentido, nos cabe refletir se as coleções especiais em bibliotecas podem ser consideradas como um objeto de museu – apesar de não objeto em museu, a partir da distinção realizada por Brulon (2017)<sup>9</sup> – e se o processo de formação de coleções especiais em bibliotecas pode ser considerado como um tipo de musealização fora da instituição museu.

Na linguagem de especialidade museológica, por meio da literatura consultada, observamos que o conceito de musealidade está relacionado a um valor atribuído que faz com que o objeto atinja uma categoria de possível *musealia*, ou seja, que tenha seu potencial museal reconhecido. Esse valor é, na maioria das vezes, o valor documental, em outras palavras, a potencialidade de ser representante de uma realidade específica. A musealidade ou potencial museal é o que diferencia uma coisa qualquer de um objeto de museu.

As *musealia* ou objetos de museu, por sua vez, são os portadores da musealidade, os objetos aos quais são atribuídos o(s) valor(es) necessário(s) (e/ou o valor documental) para que sejam considerados possíveis objetos de museu. A atribuição de valor é o primeiro passo para termos um objeto de museu, mas não é suficiente por si só. Para além disso, a exposição do objeto é importante para que sua condição como objeto de museu se concretize e, nesse meio tempo entre a atribuição de valor e a sua exposição, e além, o objeto de museu ainda passa por diversas etapas: é documentado, catalogado, constantemente conservado, alvo de pesquisas etc.

Por fim, a musealização é compreendida em linhas gerais como um processo que transforma coisas em *musealia*, tirando-as de seu contexto original ou anterior para colocá-las em um museu. É relevante considerar a musealização principalmente como processo científico (Desvallées; Mairesse, 2013) e como processo informacional (Loureiro, 2016). Nesse sentido, a musealização resulta de um conjunto de atividades de preservação, pesquisa e comunicação que consolidam a nova vida do objeto como *musealia*, observando esses objetos

---

<sup>9</sup> “Com efeito, o objeto de museu não é a mesma coisa que o objeto no museu, de modo que a sua atribuição de valor está menos ligada ao seu estatuto institucional e mais determinada pelos enquadramentos sociais que lhes conferiram o estatuto museológico” (Brulon, 2017, p. 412).

como informação em si mesmos, a partir de três características principais: a representatividade, a testemunhalidade e a documentalidade.

Dessa maneira, observamos o seguinte percurso: é necessário existir uma coleção de coisas as quais são atribuídas um ou mais valores (musealidade) que as torna um objeto (*musealia*) passível de ser retirado de seu contexto original ou anterior para um contexto secundário que está localizado dentro de uma instituição, comumente qualificada como cultural (musealização).

O que seriam, então, as “coleções especiais” mantidas em bibliotecas se não um conjunto de coisas (em sua maioria, livros e documentos em papel e semelhantes) aos quais são atribuídos valores que os tornam objetos distintos dos demais e, portanto, passíveis de serem retirados de seu contexto original ou anterior (seja uma coleção particular ou o próprio acervo da biblioteca) para um contexto secundário dentro da biblioteca, nesse sentido, uma sala diferenciada com uma gestão, preservação e segurança específica, relativamente à parte do acervo geral?

Sem nenhuma dúvida, uma coleção especial pertencente a uma biblioteca passa por todas as atividades relacionadas à musealização enquanto processo científico (seleção, aquisição, gestão, conservação, catalogação, documentação, comunicação etc.) e possui (ou deveria possuir) representatividade, testemunhalidade e documentalidade. Essas três últimas características, inclusive, podem ser consideradas como essenciais e presentes em todas as coleções especiais em biblioteca, uma vez que elas devem representar um contexto, devem ser analisadas como documento (um item separado ou em conjunto com os demais) e devem ser disponibilizadas ao público externo, tanto por meio da permissão de acesso físico ou digital à coleção, como por meio de publicações, apresentações ou exposições.

Por essa perspectiva, os conceitos expressados pelos termos “musealidade”, “*musealia*” e “musealização” podem ser aplicados às coleções especiais em bibliotecas, ainda que os termos em si talvez não pareçam adequados. De toda forma, considerando a maneira como colocamos o processo formativo das coleções especiais em bibliotecas, entre a atribuição de valores e a concepção da coleção especial, é possível considerarmos esse processo como algo muito próximo ao que é observado na musealização, embora aconteça fora da esfera dos museus.

Antes de finalizarmos, cabe tocar em um ponto que acreditamos diferenciar os objetos de museu do que podemos chamar de “objetos de biblioteca”. No primeiro caso, os objetos

(de museu) caracterizam uma realidade determinada e ficam expostos como algo para além do indivíduo, parte de sua história, mas removida desta pois se portam, no Museu, como representantes – em outras palavras, sua significância sobrepõe seu valor de uso de tal forma que esses objetos já não são pensados a partir de uma ou outra utilidade aparente que ainda pode ser realizada, mas a partir do que representam em relação a determinados contextos, isto é, seu significado; os “objetos de biblioteca”, por sua vez, perdem significância se não forem acessados ou disponibilizados para o público de maneira mais direta – ou seja, apesar de sua significância sobrepõe seu valor de uso, este último não pode ser esquecido e, se ao falarmos em “objetos de biblioteca” nos referimos aos livros, eles ainda serviriam para seu propósito original, isto é, ser lido. Dessa forma, ao considerarmos as coleções especiais em biblioteca em si como objetos de biblioteca, afirmamos que elas podem ser ao mesmo tempo coisa e objeto, ainda úteis para uma necessidade humana e representante de um contexto. Objetos que se tornam parte de uma coleção especial podem ter o seu valor de coisa amplificado e, inclusive, não podem ficar fechados em um mundo de objetos, sob o risco de perderem a sua razão de ser a não serem manuseados e/ou acessados de alguma maneira.

O seguinte quadro foi elaborado buscando sintetizar os resultados encontrados:

**Quadro 1** – Síntese dos conceitos abordados

| <b>Conceito na Museologia</b> | <b>Relação do conceito com as coleções especiais em bibliotecas</b>  |
|-------------------------------|--|
| Musealidade                   | Atribuição de valores necessária à transformação da coisa em objeto (de museu ou de biblioteca/coleção especial).  |
| <i>Musealia</i>               | Objeto com valor/valorado, passível de ser parte de uma coleção especial.  |
| Musealização                  | Retirada do(s) objeto(s) de seu contexto original ou anterior e colocação do(s) objeto(s) em uma coleção especial. |

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Ao fim dessa discussão, fica a reflexão sobre a possibilidade de uso dos termos, e não apenas dos significados, do campo da Museologia no campo da Biblioteconomia. Seria possível a adoção do mesmo termo em ambos os campos ou é necessário a criação de termos diferentes, utilizando apenas um significado aproximado? A adoção dos mesmos termos em ambos os campos pode trazer confusões terminológicas que mais atrapalhariam que auxiliariam uma colaboração; ao passo que o uso de termos diferentes – e talvez distantes demais – pode dificultar uma relação conceitual entre os significados, que se espera que sejam semelhantes. De todo modo, a discussão terminológica não nos cabe tanto quanto parece,

uma vez que esse artigo buscou apenas contribuir para um possível relacionamento mais próximo entre a Museologia e a Biblioteconomia por meio das coleções especiais em bibliotecas. Por isso, deixamos a sugestão para trabalhos futuros.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observarmos os termos propostos da linguagem de especialidade da Museologia, chegamos às seguintes compreensões: a musealidade é a atribuição de valor, a *musealia* é o objeto valorado e a musealização é a retirada definitiva do objeto do seu contexto/utilização original para um secundário no interior de uma instituição, nesse caso, o museu. A chave para compreendermos um objeto com potencial para se tornar *musealia* e então ser musealizado está na observação dos valores reconhecidos e/ou atribuídos que justificariam essa mudança de cenário – em outras palavras, justificariam a mudança da situação de coisa para objeto de museu.

É interessante observarmos que uma coisa que se torna objeto de museu quase sempre perde o seu valor de utilidade, de uso, por exemplo, um vestido não serve mais como um vestuário, mas como representação de um determinado momento social, cultural ou até mesmo político. Nesse sentido, como afirmado anteriormente, sua significância sobrepõe o valor de uso quase completamente, o que não acontece – e nem poderia – em uma coleção especial em uma biblioteca. Os objetos adicionados a uma coleção especial em bibliotecas são, deve-se admitir, majoritariamente bibliográficos, o que significa que possuem um conteúdo expresso em texto ou em ilustrações que formam a sua utilidade principal: ser usado para obter informações e/ou conhecimentos, a partir desse conteúdo. Dessa maneira, esses objetos não perdem valor de uso quando adicionados a uma coleção especial, pois ainda podem (devem) ser utilizados como fontes de informação a partir de seu conteúdo – assim, mesmo que o motivo para terem sido transferidos para uma coleção especial não seja o seu texto ou suas ilustrações, seu valor de uso primário é este, que se mantém. A perda de valor de uso dos objetos em coleções especiais em bibliotecas, considerando aqueles que são bibliográficos, acontece apenas a partir de uma ocorrência, como uma deterioração, que os torna ilegíveis, deixando-os “apenas” como artefatos a partir de suas características materiais<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup>Ainda assim, pode-se argumentar que esse objeto bibliográfico que está ilegível pode ter sido reformatado para o digital, por exemplo, e nesse caso seu valor de uso permanece com o acesso à reformatação.

No campo biblioteconômico, observamos que uma “coleção especial” contém itens que, em razão de uma atribuição de valor, são considerados como um objeto passível de ser armazenado de forma diferenciada do acervo geral, em sala separada e com gestão, preservação, comunicação e acesso sendo realizadas de maneiras distintas. Esses objetos, portanto, passariam de “coisa” para um “objeto de biblioteca”, ou um objeto-coisa para um objeto-de-biblioteca, onde este último não deixa de ser coisa pois ainda mantém um valor de utilidade. Nessa perspectiva, um livro que é adicionado a uma coleção especial continua podendo ser utilizado como livro, isto é, para se obter informações a partir do seu conteúdo, diferentemente do vestido em um museu, que utilizamos como exemplo anteriormente.

Ao refletirmos sobre os termos e conceitos propostos, constatamos que, apesar de “musealidade”, “*musealia*” e “musealização” serem específicos da linguagem de especialidade do campo da Museologia, existe possibilidade de aplicação de seus significados à Biblioteconomia, sobretudo se considerarmos as coleções especiais como alvo dessa aplicação. Ao transbordar esses conceitos de um campo para o outro, forjamos novas oportunidades de colaboração teórica e prática para ambos os campos, que podem se mostrar mais próximos do que inicialmente se pensa.

Nesse sentido, ao considerarmos que os objetos em coleções especiais em bibliotecas assim se tornam pois têm valores atribuídos, pode-se considerar que são possuidores de um tipo de musealidade e, portanto, poderiam ser considerados como algo próximo de uma *musealia* fora do museu. De maneira semelhante, o processo de formação e desenvolvimento de uma coleção especial em bibliotecas poderia ser considerado como correspondente ao processo de musealização, sobretudo se entendermos esse último como um conjunto de diversas atividades que, apesar de nesse termo estar restrita ao museu, também pode existir e ser realizado em bibliotecas.

Por fim, cabe notar que esse artigo procurou se ocupar mais com os significados, com os conceitos, do que com os termos em si, sobre os quais ainda cabe um estudo mais aprofundado, uma vez que se pode escolher entre o uso dos mesmos termos em ambos os campos e/ou a construção de novos termos para o campo da Biblioteconomia, com significado semelhante ou igual àqueles da Museologia.

## **REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, Jullyana Monteiro Guimarães. A coleção especial como patrimônio bibliográfico no Brasil: uma abordagem conceitual. **Memória e Informação**, [Rio de Janeiro], v. 4, n. 2, p. 75-

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

97, jul./dez. 2020. Disponível em:

<http://memoriaeinformacao.casarui Barbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/132/89>.

Acesso em: 6 ago. 2025.

ARAUJO, Jullyana Monteiro Guimarães. **Coleções especiais em bibliotecas universitárias: riscos e preservação do patrimônio**. 2022. 243 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia) – Museu de Astronomia e Ciências Afins. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://site.mast.br/ppact/2022/dissertacao-completa/jullyana-monteiro-guimaraes-araujo.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2025.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo; LOUREIRO, Maria Lucia Niemeyer Matheus. Afinal, os objetos falam? Reflexões sobre objetos, coleções e memória. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 20., 2019, Florianópolis, SC. **Anais [...]**. São Paulo: ANCIB, 2019. Disponível em:

<https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/951/707>. Acesso em: 7 ago. 2025.

BELLAIGUE-SCALBERT, Mathilde. Derisoire et essentiel: l'objet ethnographique. *In: Symposium Collecting Today For Tomorrow – Colleter Aujourd'hui Pour Demain*, Leiden (Holanda), out. 1984. **ICOFOM Study Series**, n. 6, p. 79-86. Disponível em:

[https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh\\_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA](https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA). Acesso em: 9 ago. 2025.

BRULON, Bruno. Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbynek Z. Stránský e a Escola de Brno. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 403-425, 2017. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/139685>.

Acesso em: 9 ago. 2025.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução e comentários: Bruno Brulon Soares; Marília Xavier Cury. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013. Disponível em: [https://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF\\_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf](https://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf). Acesso em: 6 ago. 2025.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. A linguagem de especialidade e o texto técnico-científico: notas conceituais. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 241-251, set./dez. 2004.

Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/26244>. Acesso em: 7 ago. 2025.

LIMA, Diana Farjalla Correia. O que se pode designar como museu virtual segundo os museus que assim se apresentam. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 10., 2009, João Pessoa. **Anais [...]** São Paulo: ANCIB, 2009. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xenancib/paper/viewFile/3312/2438>. Acesso em: 7 ago. 2025.

LOUREIRO, Maria Lúcia de Niemeyer Matheus. Reflexões sobre musealização: processo informacional e estratégia de preservação. *In: SEMINÁRIO SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO EM MUSEUS*, 3., 2014, São Paulo. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo,

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

2016. v. 1, p. 91-103. Disponível em:

<http://biblioteca.pinacoteca.org.br:9090/bases/biblioteca/322800.pdf>

. Acesso em: 10 ago. 2025.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. *In: Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

POMIAN, Krzysztof. História cultural, história dos semióforos. *In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.). Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p. 71-95.

SCHEINER, Tereza. Conceitos, Termos e Linguagens da Museologia: novas abordagens. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15.*, 2014, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ANCIB, 2014. p. 4644-4663. Disponível em: [https://enancib2014.eci.ufmg.br/wp-content/uploads/2023/12/ANAIS-FINAL\\_GT9a.pdf](https://enancib2014.eci.ufmg.br/wp-content/uploads/2023/12/ANAIS-FINAL_GT9a.pdf). Acesso em: 12 ago. 2025.

UNIVERSITY OF GLASGOW. **What are Special Collections**. Glasgow, UK: University of Glasgow, Special Collections, [20-?]. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20190521171905/https://www.gla.ac.uk/myglasgow/specialcollections/whatarespecialcollections/>. Acesso em: 5 ago. 2025.